

distribuição e o atendimento geral. **Objetivos:** Aplicar e adaptar uma fórmula para categorizar os estoques de Concentrado de Hemácias (CH) em níveis crítico, mínimo e adequado, conforme a realidade transfusional de cada unidade de saúde. Analisar o impacto dessa padronização sobre as solicitações de CH e o percentual de atendimento às agências transfusionais de alta demanda. Comparar os dados pós-implementação com períodos equivalentes do ano anterior, avaliando a eficácia da intervenção. **Material e métodos:** O projeto analisou cinco agências transfusionais de São Luís, no estado do Maranhão selecionadas por apresentarem as maiores demandas de solicitação de CH em 2024, variando de 9.275 bolsas/ano (maior demanda) a 5.373 bolsas/ano (menor demanda). Utilizou-se uma fórmula disponibilizada pelo Ministério da Saúde para categorizar níveis de estoque (crítico, mínimo e adequado) nos hemocentros, adaptando-a para refletir as realidades transfusionais das agências. Os dados de solicitações e atendimentos de CH foram coletados no período de Março a Julho de 2024 e 2025. Para cada agência participante do projeto, foi realizada uma análise comparativa de informações obtidas por meio de formulários específicos elaborados para esta finalidade. Com base nesses dados, aplicaram-se métodos estatísticos para avaliar a redução no volume de solicitações e o aumento no percentual de atendimento após a implementação do projeto de gerenciamento de estoque. **Resultados:** Após a implementação da nova metodologia de gerenciamento, observou-se uma redução média de 6% nas solicitações de CH e um aumento médio no percentual de atendimento de 12% nas agências transfusionais envolvidas no projeto. No período analisado, o atendimento geral de solicitações de CH passou de 56% em 2024 para 68% em 2025, evidenciando melhoria no atendimento de forma generalizada e uma distribuição mais equilibrada deste hemocomponente. **Discussão e conclusão:** O gerenciamento baseado na categorização de estoques mostrou-se eficaz ao alinhar as solicitações de concentrado de hemácias às necessidades reais das unidades de saúde, reduzir desperdícios, otimizar recursos e melhorar a distribuição de hemocomponentes. Essa abordagem permitiu uma distribuição mais equitativa, especialmente nas agências transfusionais de alta demanda, reforçando a importância de estratégias orientadas por dados para uma gestão eficiente. A metodologia pode ser replicada em outras regiões, com ajustes aos parâmetros conforme as especificidades locais.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105894>

ID – 645

GESTÃO DA QUALIDADE EM HEMOTERAPIA: PILAR ESTRATÉGICO PARA A SEGURANÇA TRANSFUSIONAL E EFICIÊNCIA DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

JM Lopes

Pulsa Rio – Grupo Pulsa, Volta Redonda, RJ, Brasil

Introdução: A hemoterapia é uma atividade crítica que envolve riscos biológicos, imunológicos e operacionais. A

adoção de um Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ) nos serviços hemoterápicos é indispensável para assegurar a eficácia terapêutica e a segurança transfusional, conforme preconizado pela RDC n° 34/2014 da ANVISA e pelas diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS). O SGQ promove a padronização de processos, a rastreabilidade dos hemocomponentes, a mitigação de eventos adversos e a melhoria contínua dos resultados clínicos. Em um cenário onde cerca de 0,2% a 0,5% das transfusões resultam em reações adversas (BRASIL, ANVISA, 2023), a gestão da qualidade emerge como ferramenta essencial para a vigilância e a governança clínica. **Objetivos:** Analisar a estrutura e os impactos do Sistema de Gestão da Qualidade aplicado à hemoterapia, destacando os requisitos técnicos, regulatórios e operacionais que asseguram o controle eficaz dos processos e a redução de riscos transfusionais. **Material e métodos:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura científica e normativa, com ênfase em artigos indexados nas bases PubMed, SciELO e LILACS, publicações da ANVISA, Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e manuais técnicos do Ministério da Saúde. Os descritores utilizados foram: “gestão da qualidade”, “hemoterapia”, “segurança transfusional”, “indicadores de qualidade” e “boas práticas em hemoterapia”. O recorte incluiu publicações entre 2014 e 2024, abordando evidências empíricas e normativas. **Discussão e conclusão:** A implementação do Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ) em hemoterapia fundamenta-se em cinco pilares: padronização de procedimentos operacionais, qualificação de equipamentos e insumos, rastreabilidade dos processos, controle de não conformidades e eventos adversos, e monitoramento por indicadores de desempenho. A RDC n° 34/2014 exige validação de métodos analíticos, uso de sistemas informatizados com registros em tempo real e capacitação contínua da equipe multiprofissional. Indicadores críticos incluem taxas de reações transfusionais abaixo de 1%, descarte de hemocomponentes inferior a 2% e rastreabilidade superior a 98%. Estudos mostram que serviços com SGQ estruturado reduzem em 60% as não conformidades críticas após dois anos de auditoria e treinamento. A atuação integrada da Comissão de Hemoterapia e da Hemovigilância promove gerenciamento proativo de riscos e correção sistemática de falhas, assegurando conformidade técnica e sanitária. A gestão da qualidade transcende a conformidade documental, sendo uma estratégia clínica e operacional que reforça a segurança do paciente, sustentabilidade e credibilidade institucional. Desafios incluem subnotificação de eventos adversos, resistência à mudança e limitações de recursos para sistemas validados. A consolidação do SGQ depende da sinergia entre regulação, educação, vigilância e inovação tecnológica. A gestão da qualidade em hemoterapia é um eixo central para garantir a segurança transfusional, a eficiência operacional e o alinhamento aos marcos regulatórios nacionais e internacionais. A estruturação de processos com base em evidências, aliada à vigilância ativa e ao uso de indicadores, transforma o SGQ em um diferencial estratégico. O fortalecimento da cultura da qualidade, sustentado por educação permanente e auditorias internas, eleva o padrão de cuidado e previne eventos evitáveis, contribuindo para um sistema hemoterápico mais

seguro, ético e sustentável. **Referências:** RDC 34/2014; Manual MS 2023; Souza et al. 2021: SGQ em hemoterapia.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105895>

ID – 1233

GESTÃO EM HEMOTERAPIA: CRIAÇÃO E ATUAÇÃO DE COMITÊS ESTRATÉGICOS

FL Custódio^a, EDC Ferreira^b

^a Grupo Gestor de Hemoterapia – Grupo GSH, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b Grupo Gestor de Hemoterapia – Grupo GSH, Brasília, DF, Brasil

Introdução: A hemoterapia é uma área complexa, que exige protocolos específicos, rastreabilidade rigorosa e atendimento integrado entre as etapas do ciclo do sangue. Essa complexidade é agravada em instituições que atuam em diferentes serviços hospitalares, com estruturas operacionais variadas e culturas organizacionais distintas, especialmente quando se observa o conhecimento ainda limitado de muitos profissionais sobre boas práticas em hemoterapia, tornando desafiador uniformizar processos e mitigar riscos. Atuar em hemoterapia requer dos profissionais de saúde envolvidos o conhecimento das técnicas corretas e a capacidade de identificar e atuar em potenciais eventos adversos. Nesse cenário, os comitês estratégicos se consolidam como uma ferramenta eficaz de gestão, promovendo o monitoramento contínuo, a análise de processos críticos e a proposição de ações de melhoria direcionadas. **Objetivos:** Relatar a experiência de um serviço de hemoterapia na implementação de comitês estratégicos como ferramenta de gestão com foco no acompanhamento de eventos, padronização dos processos e ações de melhoria. **Material e métodos:** Trata-se de um relato de experiência desenvolvido a partir da criação de comitês estratégicos em um serviço privado de hemoterapia privado com atuação nacional, o grupo GSH. Os comitês foram organizados por temas críticos, como eventos adversos, indicadores de atendimento e biossegurança. As reuniões ocorrem de forma periódica e contam com a participação de profissionais da alta gestão da empresa, médicos e gestores das regionais envolvidas. As pautas são construídas a partir de resultados de indicadores, registros de ocorrências e necessidades identificadas nos processos locais. Durante os encontros de cada tema, os gestores apresentam os resultados através de sua análise, promovendo a interação entre os participantes para definição conjunta das ações. A avaliação de eficácia desta ferramenta considerou os ganhos qualitativos observados na organização frente ao número de eventos observados, na forma de comunicação e na capacidade de resposta frente às não conformidades observadas. **Resultados:** A criação dos comitês estratégicos proporcionou em uma gestão mais estruturada, colaborativa e orientada para a análise crítica dos processos. Observou-se maior agilidade na identificação e tratamento de falhas operacionais, melhoria na padronização de rotinas e clareza na definição de responsabilidades. Os comitês também favoreceram a implementação de ações

corretivas mais eficazes e melhoria na comunicação dos setores envolvidos, favorecendo o desdobramento das ocorrências e promovendo uma resposta mais consistente frente aos desafios recorrentes da operação. **Discussão e conclusão:** A experiência com a implantação dos comitês estratégicos evidenciou seu valor como ferramenta de gestão. Em um cenário com múltiplas unidades de atendimento, diferentes perfis assistenciais e alta complexidade de processos, os comitês demonstraram ser uma estratégia importante para analisar os desvios, organizar ações e padronizar rotinas, direcionando os esforços e promovendo decisões alinhadas às necessidades operacionais do dia a dia. Além de permitirem maior controle sobre os processos, esses espaços de discussão viabilizaram abordagens mais estruturadas frente aos eventos adversos e outros desafios recorrentes, fortalecendo o compromisso institucional com a segurança e a melhoria contínua.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105896>

ID – 214

GESTÃO HEMOTERÁPICA BASEADA EM DADOS: EFICIÊNCIA, SEGURANÇA E SUSTENTABILIDADE NO IHHS (2025)

MF Costa, RC Torres, PC Curvelo-Junior, LPS Dantas, CS Guimarães

Instituto de Hematologia e Hemoterapia de Sergipe (IHHS), Aracaju, SE, Brasil

Introdução: O Instituto de Hematologia e Hemoterapia de Sergipe (IHHS) é referência regional em hemoterapia, com atuação pública e privada. Após os impactos da pandemia, 2025 representa um marco na retomada do crescimento e na consolidação de boas práticas de segurança transfusional, rastreabilidade e gestão logística. **Objetivos:** Apresentar os resultados assistenciais, epidemiológicos e operacionais do primeiro semestre de 2025, com ênfase na projeção anual, eficiência transfusional, controle de descartes e estratégias de captação, além de propor diretrizes sustentáveis para os próximos três anos. **Material e métodos:** Análise retrospectiva e preditiva baseada em indicadores institucionais de 2019 a junho de 2025, incluindo: volume de doações, produção de hemocomponentes, transfusões realizadas, descarte por tipo de componente, perfil dos doadores, sorologias reagentes e tempo de resposta às urgências. Ferramentas de BI e algoritmo preditivo foram utilizados para estimativas 2025–2028. **Resultados:** Os dados evidenciam avanços significativos na qualidade assistencial, com redução de riscos epidemiológicos e maior eficiência operacional. A queda de HIV, HTLV e Chagas demonstra efetividade da triagem e educação em saúde. No entanto, o baixo aproveitamento dos hemocomponentes (menor que 40%) e a elevação no descarte de plaquetas e plasma exigem revisão urgente da logística e previsão de produção baseada em demanda real. A queda na captação ativa e a oscilação entre meses indicam a necessidade de planejamento anual estruturado. Até junho de 2025, foram registradas 9.322 doações e 27.966 hemocomponentes